

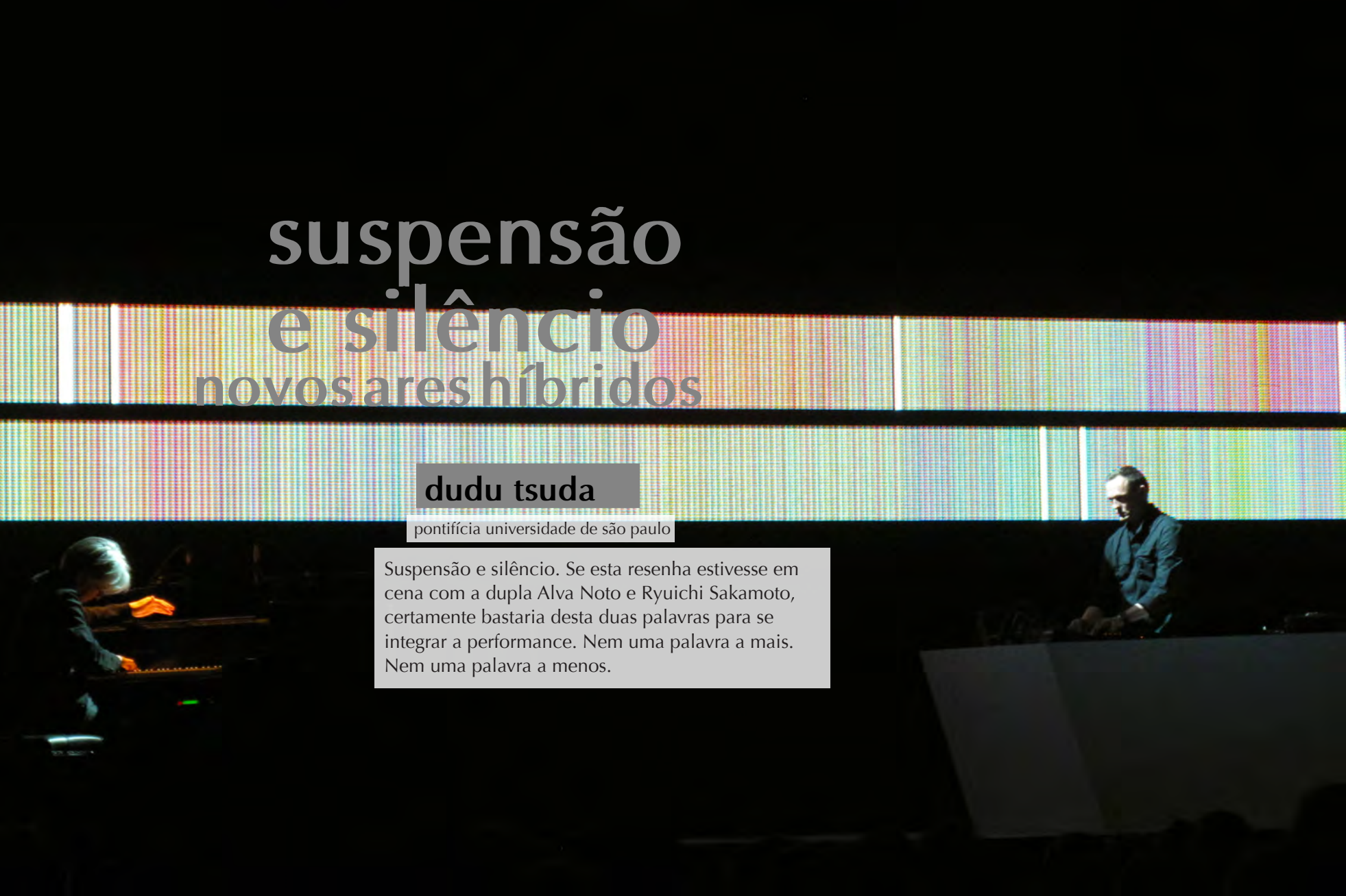
# suspensão e silêncio

novos ares híbridos

**dudu tsuda**

pontifícia universidade de são paulo

Suspensão e silêncio. Se esta resenha estivesse em cena com a dupla Alva Noto e Ryuichi Sakamoto, certamente bastaria desta duas palavras para se integrar a performance. Nem uma palavra a mais. Nem uma palavra a menos.



As rarefeitas notas do piano de Sakamoto e as geométricas e minimalistas imagens de Alva Noto conduziram o público hipnoticamente nos seus quase 50 minutos de apresentação. Ou melhor, contemplação. Inseridos numa programação acentuadamente pop e de pista, foi uma surpresa encontrar uma sala com tantas pessoas sentadas focadas numa só direção.

Trioon I ::: Ryuichi Sakamoto & Alva Noto  
video> <http://www.youtube.com/watch?v=a3onBZ5C95g>

Algumas de suas composições clássicas, populares em plataformas como Youtube e Vimeo, não foram tocadas ou se realizadas, atualizadas para uma versão Sónar São Paulo 2012. Diferentemente de trabalhos anteriores da dupla, a performance realizada em maio arriscou para opções com cores e variações de formas, algo bastante diferente de composições que consagraram a dupla no início dos anos 2000 como Berlin e Trioon I.

Berlin ::: Alva Noto & Ryuichi Sakamoto  
<http://www.youtube.com/watch?v=y7diFtilLzo&feature=related>

Sua presença em um festival como o Sónar denota não apenas o crescimento do público de performance audiovisual experimental, mas como também o crescente interesse por parte de festivais pelo gênero. Certamente que uma enorme massa de pessoas foi movimentada por nomes como Chromeo, Justice e Kraftwerk. Mas sentimos que há um espaço de convergência entre o mundo experimental e o mundo pop bastante fértil e ainda pouco explorado. Quando bem arquitetada, esta ponte não só oxigena ambos circuitos mas como também aponta para uma nova direção curatorial de festivais que optam por mesclar saudavelmente tais universos.

Como diria o performer, professor e pesquisador brasileiro Lúcio Agra, 'o palco pop é fascinante!'

## Live Cinema

Harmonias suspensas sem tensão definida, em longos improvisos minimalistas modais trazem a sensação de uma narrativa 'estacionária', como as ondas de som em ressonância, em movimento mas imagetivamente estáticas. As edições em tempo real das ondas sonoras emitidas pelo piano e as bases eletrônicas produzidas por Alva Noto reforçam ainda mais esta metáfora.

Não por acaso, os patches de geração computacional de imagens de Carsten Nicolai, aka Alva Noto, são construídos de modo a reproduzirem padrões geométricos com linhas e texturas, sobretudo, monotemáticos. Não podemos afirmar que esta opção estética nas imagens tenha uma relação direta com as melodias modais, mas sua afinidade é inegável.

A ausência de rupturas e eventos marcantes ao longo de cada peça nos induz a uma experiência mais instalativa, onde a temporalidade é distendida e o espaço atemporalmente ocupado. Apesar de sua disposição convencional em palco italiano, a composição audiovisual que ali se estabelece nos impacta pela sua coesão e coerência sistêmica, onde ambas mídias se entrelaçam e superam os limites narrativos da música e a lógica linear da imagem representativa.

Podemos traçar interessantes paralelos com trabalhos de outros artistas multimídia como os japoneses Ryogi Ikeda e Ryoichi Kurokawa, o alemão Kurt Laurentz e o holandês Optical Machines.

Com Ikeda, Alva Noto realizou Cyclo para a edição de 2011 do Sónar Barcelona, uma performance audiovisual que explora sons e imagens criadas por geração computacional. Percebemos ecos de sua produção com Sakamoto na proficiência das imagens e sobretudo na relação simbiótica que elas estabelecem com a música. Uma maestria na forma de condução audiovisual que surpreende a cada momento, com

uma forte vocação para a temporalidade, na medida em que pontua claramente sua intenção em nos apresentar diferentes texturas imagéticas e partes da música ao longo do tempo de sua execução.

Em outros trabalhos performáticos de Ikeda (incluindo sua performance no Festival On/OFF do Itaú Cultural) e na apresentação que Kurokawa realizou no Festival NOVA em São Paulo este ano, podemos dizer o mesmo. Por trabalhar com duas projeções simultâneas que ora se completam num grande painel, ora se complementam num jogo de imagens, Kurokawa criou drásticas passagens de som entre os canais stereo para reforçar esta dualidade das telas de projeção e enriquecer a estrutura musical. Ainda que o artista japonês soube explorar a espacialidade audiovisual de sua performance ao trabalhar de forma marcante as relações de PAN (direita e esquerda) no som e na imagem, sua forma de estruturação narrativa é fortemente pautada pela linearidade da música.

Em *Optical Machines*, também apresentado no Festival NOVA em São Paulo este ano, sentimos uma enorme vocação instalativa da simples e ao mesmo tempo complexa estrutura de geração de informação audiovisual. Um aparato óptico composto por diversas lâmpadas é controlado por um seqüenciador e conectado via midi a um sintetizador. Os sinais emitidos pelo seqüenciador geram padrões rítmicos no sistema de lâmpadas, tal qual um step sequencer o faria com um instrumento MIDI. O resultado são padrões visuais de efeitos de luz idênticos aos sonoros, sendo ambos manipulados em tempo real. As lâmpadas recebem filtros ao longo da performance que alteram as formas projetadas ao passo que o sintetizador é operado pelo outro performer. O mais interessante é notar como cada um dos performers percebe a outra mídia e atua na criação da textura e do timbre: situações como feedback de delay no som, por exemplo, são traduzidas por um aceleramento

repentino do piscar de lâmpadas seguido de um padrão muito mais lento. Um espaço e tempo em constate diálogo, trazendo alterações na narrativa de forma híbrida e não limitada.

Finalmente, em *Visual Piano*, apresentado em 2011 na IV edição da Mostra Internacional de Live Cinema, Laurentz explode os limites da tela e sua relação de frontalidade que estabelece com o público ao expandir sua área de projeção para todo o teatro. Quatro projetores garantiram uma ocupação completa do teatro do SESC Pompéia pela vídeo projeção composta de linhas e formas geométricas. O primeiro lampejar da projeção surpreendeu de forma inesquecível: linhas que começaram repentinamente a ser traçadas nas paredes, em todas as direções.

A forma como a projeção de linhas se relacionou com a estrutura do teatro pode ser considerada uma ocupação em site specific na medida em que seus relevos diferenciados com varas de luz, canhões de luz, cabeamento, vigas de concreto, tesouras de madeira e cabeamento renderam não somente um outro nível de complexidade para as imagens, mas como também definiram o caminho estético e poético da apropriação espacial daquela performance. Tanto é verdade que, em outros espaços a mesma performance seguiu para direções completamente diferentes.

Uma experiência instalativa, neste contexto, por termos o espaço como um grande ator na elaboração conceitual do trabalho, mesmo que seu discurso narrativo discorra a partir da temporalidade da música.

#### Estética da Ausência

Vivenciamos uma celebração em tempo real da plasticidade do som e da imagem, e de sua relação entre si, num formato performativo de exploração audiovisual como todos os outros exceto pela seu total desprendimento de representatividade e linearidade.

## RESENHAS

teccogs

n. 6, 307 p,  
jan.-jun, 2012

O trabalho de Alva Noto e Ryuichi Sakamoto pode não ousar em opções de formato diferenciadas e em formas de ocupação espacial site specific discutidas nos exemplos acima. Mas presa pela a ausência de uma estrutura discursiva de acontecimentos a partir de um uso específico da música como

elemento estático e sem alterações, suspenso, silencioso, um constante devir sem conclusões e resoluções harmônicas. E é exatamente neste ponto que reside a genialidade deste trabalho: inovar dentro de um formato bastante explorado.



Alva Noto & Ryuichi Sakamoto @ Sónar São Paulo 2012 LIVE.